

O ESTILHAÇAR DO ESPELHO

reflexões antropológicas sobre raça a partir da lida do cabelo



The splitting of the mirror: anthropological reflections on race from the hair handle

Larisse Louise Pontes Gomes¹
Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social | Florianópolis, Brasil
larisse.louise@gmail.com | ORCID iD: 0000-0003-4165-1021

COSTA, Denise da. 2019. “Que leveza busca Vanda?”
Ensaio sobre a lida do cabelo crespo no Brasil e em
Moçambique. Belo Horizonte: Editora Letramento.

Negra de carapinha dura
Não estrague o teu cabelo, me jura

Você é africana
Tem beleza natural
Vai mostrar pra todo mundo
Que essa tua carapinha
É o acabamento de uma obra sem igual
(Carapinha Dura)

¹ Doutoranda em Antropologia Social pelo PPGAS/UFSC e pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudos e de Identidades e Relações Interétnicas (NUER/UFSC).



“ Que leveza busca Vanda? Ensaio sobre a lida do cabelo crespo no Brasil e em Moçambique” é uma etnografia que trata da relação de mulheres com seus cabelos e é o resultado da pesquisa de doutorado da antropóloga mineira Denise da Costa. No livro, sentimentos e emoções deságuam em memórias a partir de imagens do presente. Brasileiras, moçambicanas e seus cabelos conduzem a narrativa através de Vanda Cruz, nascida em Moçambique, que revela suas lembranças, expectativas e experiências com o seu cabelo ao longo da vida.

A influência estética e cultural entre Brasil e alguns países da África acontece de maneira recíproca na paisagem descrita pela antropóloga. Assim como as brasileiras sentem uma conexão com o continente a partir da recuperação de um passado histórico, contido numa estética natural do crespo, as moçambicanas de Maputo se conectam também com referências contemporâneas do Brasil, a partir das novelas e artistas. Isso gera, devido às mídias de comunicação, uma influência de mão dupla. Dessa maneira, a autora capta um movimento cooperativo na construção da imagem das mulheres negras no sentido estético. Há uma montagem de uma sujeita múltipla, conformada com os diversos olhares de suas semelhantes, aqui ou lá. E a indústria cultural é parte desse movimento através da música pop, das novelas, dos filmes, entre outros bens culturais. Percebemos, portanto, que as imagens formadas também são provenientes de padrões estéticos racializados por uma hegemonia.

Nesse sentido, o padrão estético entre brasileiras em relação a cabelos sempre foi o liso, no máximo o ondulado. Entre moçambicanas há outras estratégias que forçam uma mudança capilar. Ainda assim, o alisamento permanece em destaque no capítulo três, “O sacrifício do corpo”.

A ideia de sacrifício, no capítulo citado acima, interliga-nos a uma enxurrada de sensações, pois remete à dor, à morte. Foi por meio de um convite de Vanda que a pesquisadora brasileira entrou em contato com essa dimensão do cabelo. Aquela a convidou para acompanhá-la a um salão de beleza com o intuito de “retocar” – desfrisar – a parte do cabelo que cresceu naturalmente e destoa do restante alisado. Porém, a antropóloga recusou por saber que seria um espaço que não lhe traria boas memórias. Naquele momento, Costa entrou em contato com a dor emanada pelos procedimentos químicos aos quais os cabelos, sobretudo crespos, eram expostos.

Nesse sentido, ao tratar de cabelo de mulheres negras, independente de contextos, acessamos dimensões de dor em alguma medida. A conversa entre Vanda e Denise encontrou conexões pela experiência marcada por diversos sentimentos, mas também pela dor compartilhada por suas vivências capilares, ainda que distantes e com trajetórias diferentes. A dor as uniu de forma despreziosa, e ao mesmo tempo profunda, como une tantas outras mulheres negras mundo afora. Para usar o conceito de Vilma Piedade, (2017), a dororidade é uma experiência coletiva que está relacionada com a pretitude das mulheres negras.

Contudo, as descrições detalhadas do ritual de adoração, principalmente no primeiro capítulo, nos mostram que o cuidado pelas mãos das mulheres, mesmo para desfizar os cabelos, ganha também uma atmosfera festiva. O desfizamento, ou alisamento para nós brasileiras, feito em casa, em uma reunião com outras mulheres, e com o uso de uma pasta, feita de soda cáustica com farinha de trigo e sabão em pó, ganha o status de evento com música, dança e muita conversa. A descrição de Costa é tão envolvente que me senti participante da comemoração. Consegui até sentir o cheiro da matapa e visualizar a Beyoncé dançando na TV, em mais um videoclipe eletrizante, enquanto Vanda e outras conversam de maneira animada e alisam os seus cabelos.

A sensação de participar desse percurso etnográfico de pesquisa, elaborado por Costa, repetiu-se em outros momentos do livro. As paisagens muito bem descritas me deslocaram quase como em uma viagem espaço-tempo de ficção científica como as da escritora norte-americana Octavia Butler em seu *Kindred*². Viajei pela Cidade-caniço, Cidade-cimento – em Maputo há uma divisão dentro da cidade que demonstra uma diferença que conformam duas regiões em relação ao desenvolvimento estrutural do espaço urbano assim como a predominância de uma classe mais pobre e outra mais rica. Respectivamente seria a periferia e o centro – e por Brasília, seja no Plano Piloto, região central, ou nas cidades satélites, parte mais periférica. Mediante uma descrição etnográfica precisa, simultaneamente ampla e permeada pelo entusiasmo, o ponto de vista da etnógrafa oscila ora como participante do próprio campo, ora como mulher

² BUTLER, Octavia Estelle. *Kindred: Laços de Sangue*. São Paulo: Morro Branco, 2017.

negra ao dividir lembranças e experiências capilares em um fluxo espiralado, carregado de beleza e tensões.

Ao descrever a reunião para o desfrizamento, no primeiro capítulo, por exemplo, a autora informa que há modos distintos de ornar o cabelo marcados pela fase do desenvolvimento humano — infância e vida adulta — entre outras questões. Aliás, a discussão sobre infância aparece em diferentes momentos, no decorrer do livro, mas concentra-se no segundo capítulo.

Quando crianças usam tranças de diferentes tipos, ornamentadas com miçangas, abandoná-las significa o início da fase adulta marcado pelo uso do desfrizamento. As memórias da fase inicial da vida de suas interlocutoras também constituem outra mirada sobre o cabelo. Ao reconstituir tais lembranças, e para distinguir os tempos narrados de suas interlocutoras, Costa as denominou de “mulheres-crianças” quando transita pela infância. Nesse aspecto, a linha temporal e geográfica confunde-se de maneira poética nas reminiscências das mulheres de gerações próximas e de locais diferentes relatando a experiência do brincar através de bonecas. É um capítulo que tece uma complexa e delicada trama por meio das memórias da infância.

Há, também, uma relação ambígua com esses objetos-espelhos, ao lembrarem o brincar e a relação com suas bonecas, quase sempre brancas; e algumas interlocutoras percebem o desejo de serem iguais às bonecas loiras e de cabelo liso. Simultaneamente, outras se dão conta de que elaboravam subversões ao fazer customizações, através de tranças, colocando amarrações e qualquer outro artifício em um movimento inverso para as bonecas se parecerem com elas. Estas, objetos-espelhos, são elementos relevantes nas trajetórias das mulheres que a estudiosa entrevistou junto ao *hair play* – ato de brincar especificamente com os cabelos das bonecas, seja arrumando de maneira livre, seja inventando penteados mais elaborados ou trançando. O ato de brincar com os cabelos das bonecas, que a priori é algo singelo, suscita importantes elucubrações a respeito da formação da autoimagem, que agora emerge como um devir – um vir a ser em constante movimento.

Costa também traz para a discussão a questão da representatividade na indústria de brinquedos. A Barbie, por exemplo, boneca emblemática para muitas gerações, é o oposto do que se entende por diversidade, pois ela é a personificação de um padrão hegemônico. Ademais, assim como algumas de suas

interlocutoras encontraram mecanismos de resistência, há iniciativas que buscam superar essa hegemonia, já que esses objetos-espelhos reúnem uma complexa discussão sobre raça, por serem fragmentos de vivências e revelam também a variável de classe se levarmos em consideração que o objeto não é acessível para muitas crianças. E isso torna-se mais inacessível quando vemos que ter uma boneca negra é sinônimo de exclusividade e privilégio. Atualmente, exemplares de diferentes raças e etnias estão aparecendo com mais recorrência no mercado de bonecas, quase sempre sob um custo alto, infelizmente, mesmo para famílias de classe média, pois se tornaram objetos valiosos dada a sua raridade

A discussão racial na obra aparece de maneira complexa tal qual acontece no Brasil. A pesquisadora, que se identifica como negra, em Maputo se depara com outra situação ao lhe atribuírem a característica de “mestiça”. E aqui, cabe o questionamento acerca do sentido atribuído a esse vocábulo: é uma categoria que emerge de maneira controversa e se complexifica conforme a estudiosa elenca alguns exemplos do cotidiano como profissão/trabalho, as novelas brasileiras e as principais personagens. Nesse aspecto, a mídia opera distribuindo privilégios a quem é reconhecida como mestiça e marginaliza as “negras” moçambicanas que, em verdade, não são negras, nem brancas, mas que se aproximam do que chamamos aqui de mulata, como a própria autora explica. Essa é uma discussão que rende muitos debates e, por ser contextual, evidencia a natureza relacional da noção de negritude e abre para refletirmos sobre o sistema de opressões, tendo em vista que raça é uma dimensão que pode se metamorfosear e trazer elementos singulares dependendo do lugar.

No terceiro capítulo, a posição da pesquisadora, que oscila entre ser negra no Brasil e ser mestiça em Moçambique, revela tensões diretamente conectadas com a estética do seu cabelo. O fato de ser brasileira, em Moçambique, a coloca em uma posição assimétrica em “ideal de beleza” diante de suas interlocutoras. Costa tem a leveza em seus cabelos, algo buscado por Vanda e tantas outras moçambicanas. Esse traço capilar se traduz em uma vivência cotidiana com mais passabilidade. Este seria o termo usado se eu pudesse sintetizar toda a experiência sentida pela antropóloga em seu fazer etnográfico, somado aos relatos de suas próprias interlocutoras, desde um melhor atendimento por cabeleireiros até conseguir melhores empregos, os cabelos leves abrem algumas possibilidades que não podem

ser experimentadas por negras de carapinha dura; logo, cabelos pesados. A partir disso, notamos que a leveza da vida social é paramentada pelo cabelo, de maneira intensa; um cabelo leve é aquele que cresce e, assim, como o vento pode mudar as coisas de lugar sem percebermos a sua presença.

A ideia de leveza, mais uma vez é retomada nos capítulos quatro e cinco, os últimos do livro. Os grupos virtuais pesquisados nos países produzem questões prementes para o contexto atual sobre transição capilar e estéticas racializadas, tanto o brasileiro “Grupo Crespas e Cacheadas do DF” como o moçambicano “Carapinha do Índico”. E eu não poderia deixar de observar um elemento comum entre a pesquisa que Costa realizou e as pesquisas que constituem um campo de estudos sobre cabelo, a internet. Temas como engajamento virtual, sociabilidade e ativismos digitais emergem intrinsecamente das discussões de preconceito capilar, hierarquia de texturas, positivação de termos como carapinha, entre outras questões tão debatidas nesses e outros grupos.

O encontro facilitado pela internet e redes sociais também suscita uma atmosfera de autocuidado entre as membras que fazem parte do grupo, além de fortalecer a coletividade de mulheres diante da lida do cabelo. A lida, categoria original de Nilma Lino Gomes (2008) operacionalizada por Costa, abarca as dimensões do cuidado e do trabalho. Entende-se por cuidado as técnicas e a estética; e por trabalho, o sacrifício do próprio corpo em busca de transformação, o que demanda também tempo e dedicação. Há um processo terapêutico dentro desses grupos, articulado entre mulheres negras, que Costa descreve. Ela evidencia também a cura que é o resultado do acolhimento coletivo desses encontros.

O livro de Denise da Costa compõe o campo de estudos na Antropologia e nas Ciências Sociais que têm se renovado a partir de novas dinâmicas sociais, sobretudo na última década. O tema poderia se inserir nos estudos sobre o corpo, mas não é o que a autora, a literatura e outras pesquisadoras apontam a partir de suas investigações, que não se encerram na Antropologia e nas Ciências Sociais, mas transitam também nas Artes, Ciências Humanas, Ciências da Saúde e Biológicas, Ciências Exatas e Tecnologias digitais. A forma como o cabelo tem sido abordado transcende a discussão que tem se desenvolvido na antropologia do corpo.

Estudos sobre cabelo constituem um campo de pesquisa profícuo há um bom tempo. Edmund Leach (1987) já chamava a atenção para os poderes mágicos do cabelo em seu texto, e Marcel Mauss (2003) para as peculiaridades das técnicas do corpo partindo de um ponto de vista da cultura. Estes, nos davam algumas pistas da infinidade de perspectivas que poderíamos lançar sobre o corpo/cabelo e seus significados. No Brasil, temos as pesquisas pioneiras da antropóloga Ângela Figueiredo que em 1994 desenvolveu a monografia “Beleza Pura: Símbolos e economia ao redor do cabelo do negro”, na Universidade Federal da Bahia, e a tese de Nilma Lino Gomes, também em Antropologia, defendida em 2002 na Universidade de São Paulo, posteriormente transformada no livro intitulado “Sem perder a raiz — corpo e cabelo como símbolos da identidade negra”. Ainda assim, mesmo com uma sólida produção, encontramos resistências, na academia, que invisibilizam a proeminência de outras pesquisas referentes a este tema como elemento central de investigação.

No decurso da leitura do livro de Denise da Costa, a música “Carapinha dura”, de Teta Lando, ecoava de forma incessante em minha mente: “negra de carapinha dura, não estraga o teu cabelo, me jura”. A canção não só busca valorizar a beleza natural do cabelo crespo e encarapinhado, mas também a evidencia em termos genealógicos, de parentesco. Na perspectiva de muitas mulheres negras, que têm experimentado seus cabelos crespos e passado pela transição capilar, principalmente no Brasil, é na África que encontramos o começo de toda a nossa história. Compreendo que há esse espelhamento duplo, entre o Brasil e alguns países africanos, que deve ser compreendido pela chave do colonialismo. O espelho estilhaçado talvez seja a alegoria mais apropriada para compreendermos essa relação de mulheres negras, seus corpos e cabelos aqui, em Angola ou em Moçambique.

A publicação em livro da pesquisa de Denise da Costa, realizada entre dois países, Brasil e Moçambique, é mais uma oportunidade para destacar a produção intelectual sobre o cabelo e firmar sua potência como interface para diversas questões: identidade, raça, gênero, infância, educação, colonialismo, emoções e outras discussões complexas e densas, mas que são tratadas com leveza, através de uma escrita etnográfica sensível e criativa, em que a autora utiliza-se da ficção para reunir fragmentos de realidades separadas por um

oceano, mas que se aproximam em muitos aspectos a partir da experiência capilar e da diáspora negra.

O trabalho de campo é inundado por emoções, memórias, técnicas e sentimentos controversos que, às vezes, beiram uma “crise de identidade” que emerge da convivência da pesquisadora com suas interlocutoras e seus cabelos. Dessa forma, afetada pelo próprio corpo, Denise da Costa, antropóloga mineira, negra e de cabelos encaracolados, na perspectiva do Brasil, e brasileira mestiça, de cabelos leves, na concepção das suas amigas e interlocutoras de Maputo, também percebeu que sua presença afetava suas interlocutoras. E assim, seu fazer etnográfico foi permeado por essa tensão, afetação e complicações³.

No Brasil, falar sobre cabelo, sobretudo o crespo, é pensar relações raciais e negritude; é refletir como esse elemento corporal demarca e constitui o nosso modo de ser e de existir no mundo, sendo, na maioria das vezes, uma tarefa dolorosa. Atualmente, podemos discorrer sobre cabelo na academia com menos resistência; embora o tema seja deveras marginalizado por muitos pesquisadores, eventos e publicações, pois consideram ser uma discussão ínfima. Abordar esse tema, partindo de experiências próprias como muitas intelectuais negras já fizeram, irrompe uma via distinta que foge do binômio sujeito-objeto, até porque somos “sujeitas” e nunca mais objetos/abjetas, na lógica de pensamento que retirou, e ainda insiste em retirar, por muito tempo, nossa dignidade, esta que estamos retomando e recompondo uma humanidade centrada nas nossas existências e integradas conosco.

O desafio sentido pela autora de se colocar no texto é comum a outras intelectuais, sobretudo negras. Há um limite muito tênue entre ver-se como parte de uma pesquisa, por vivências muito próximas, compartilhadas, e a realização de uma “*egonografia*”⁴. Denise da Costa tece sua etnografia dosando

³ No livro, o termo “complicações” diz respeito a forma como as moçambicanas chamam seus cabelos crespos.

⁴ Conceito criado para problematizar e valorizar as investigações cujas pesquisadoras partem de vivências particulares para desenvolver estudos mais amplos, com cautela para não conduzir a narrativa de forma egóica, mas sem obliterar a sua carga subjetiva, como explica Gomes (2017). O objetivo ao criar esse neologismo era expressar a preocupação, cuidado e compromisso metodológico que ponderava todo o processo etnográfico ainda que a trajetória da pesquisadora estivesse entrelaçada com as de suas interlocutoras devido ao compartilhamento de experiências semelhantes.

muito bem os elementos que suas interlocutoras trazem com vivências de sua trajetória de modo que fica claro que o desafio posto foi aceito e superado.

Reitero a discussão sobre etnografias, partindo de vivências negras próprias, pois o texto basilar deste trabalho evidencia essa integração paradoxal eu-outra-nós. Escrito em primeira pessoa do plural, o “nós” é marcante na elaboração textual em diversos momentos do livro; e destaco isso como estilo que denota outra virada na escrita etnográfica feita por intelectuais negras/negros e indígenas há algum tempo. Ao se incluírem nesta narrativa, pois, de fato, fazem parte dela enquanto sujeitos, posicionam-se por meio de uma escrita etnográfica vivenciada e sentida de maneira conjunta.

O recurso narrativo da ficção etnográfica escolhido pela autora enriquece a perspectiva antropológica e tensiona o que entendemos por etnografia ao construir uma personagem que reúne diversas interlocutoras em um só corpo e transcende diversas dicotomias – sujeito/objeto, estar aqui/estar lá, pesquisadora/“nativo” e o eu/outro. Esta última, de maneira controversa, permite suprimir o desafio colocado de se ver no texto, pois o “outro” que por muito tempo foram as populações negras, tornam-se pesquisadores de si, de seus semelhantes. Então, Vanda surge como um espelho estilhaçado que, remontado, permite que se veja o reflexo de uma mulher negra, composto por fragmentos de “outras”, entre elas, a própria pesquisadora.

Referência bibliográficas

- FIGUEIREDO, Angela. 1994. *Beleza pura: símbolos e economia ao redor do cabelo do negro*. 1994. Monografia em Antropologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- GOMES, Larisse Louise Pontes. 2017. “Posso tocar no seu cabelo?” *Entre o “liso” e o “crespo”: Transição Capilar, uma (re)construção identitária?* Dissertação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- GOMES, Nilma Lino. 2008. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte, Autêntica.
- LEACH, Edmund. 1987. “Cabelo mágico”. In: Roberto da Matta. *R. Leach*. São Paulo: Ática.

MAUSS, Marcel. 2003. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify.

PIEDADE, Vilma. 2017. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós.

Música

CARAPINHA DURA. Intérprete: Teta Lando.
Compositores: Alberto Teta Lando. *In*: Eu vou voltar. Intérprete: Teta Lando. Portugal: Da Nova, 1981. Vinil, LP, faixa B2, 4min 58s

Enviado: 08/06/2021

Aceito: 26/07/2021